

Maria Aparecida de Fátima Miguel
José dos Reis Santos



Fogo e Água

**Maria Aparecida de Fátima Miguel
José dos Reis Santos**

Fogo e Água

UNESPAR – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de C. Procópio
2005

Governador do Estado do Paraná
ROBERTO REQUIÃO

Diretor da UNESPAR-FAFICOP
ONOFRE RIBEIRO DE ALMEIDA

Coordenadora de Ensino, Pesquisa e Extensão
VANDERLEIA DA SILVA OLIVEIRA

Chefe do Departamento de Letras
EDENIR HADDAD DOS SANTOS

Coordenadora do Curso de Letras
DINÁ TEREZA DE BRITO

© 2005 MARIA A. MIGUEL – TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDIÇÃO AUTORIZADA PARA A UNESPAR – FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA,
CIÊNCIAS E LETRAS DE CORNÉLIO PROCÓPIO

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, guardada pelo sistema retrieval ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, gravação ou outros meios sem prévia autorização, por escrito, de Maria A. Miguel.

REVISÃO DE TEXTO
Ananias Antônio Martins

FORMATAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E FORMATAÇÃO ELETRÔNICA
Newton C. Braga

CAPA: CLEBER CASSIMIRO SANTOS

IMPRESSO NA GRÁFICA DA FAFICOP
Nivaldo Eugênio da Silva (Braguinha)
(Operador gráfico)

UNESPAR – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de C. Procópio
Campus Universitário: Rodovia PR 160, Km 0 – Fone (043) 524-1613
Faficentro: Av. Portugal, 340 – Fone 524-1922 – Fax 524-2497
E-mail: faficp@onda.com.br
Cornélio Procópio – Estado do Paraná

E por falar em fogo e água...

Um livro de poesia é sempre difícil de ser apreciado, pois fala não só à razão, ao gosto apurado e refinado pelas inúmeras leituras e estudos, mas à sensibilidade, à subjetividade. Matéria diáfana, "túnica inconsútil", feita com imagens especulares e oníricas, símbolos, alegorias, metáforas, labirintos. E nem todos possuem o instrumental, o repertório necessário à decifração. Cabe, então, fazer uso da intuição, gostar pelo coração.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual esfinge enigmática, MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL leva o leitor a uma viagem labiríntica, a tentar decifrar o mundo que permeia seus versos, mundo denso, filosófico, sensual, povoado por bruxas e fadas, pensadores e músicos, Ícaros e Prometeus, desatando linhas invisíveis de Ariadnes, nós em que Nós, meros mortais, tropeçamos como se fossem pedras no meio do caminho.

"No meio do caminho tinha uma pedra", aliás, muitas pedras, que não impediram a trajetória de Maria, a Cidinha amiga de muitos, a Maria mulher do Maurício, mãe da Carla, procopense, eterna aprendiz e professora de Literatura. Uma lutadora, alguém que soube enfrentar a batalha da vida e a batalha contra a página branca, sempre a fazer o "bom combate", rodeada por inúmeros companheiros, colegas de trabalho e de lida poética, como o José.

As letrinhas desafiadoras flutuam na sopa, relata o poeta o maior, à espera de que alguém que as junte, colocando-as umas ao lado das outras, preenchendo poeticamente a alvura da folha. Desse jogo participa também JOSÉ DOS REIS SANTOS, paulista de Ituverava, mas procopense de coração que, após uma infância difícil e conturbada, sem a presença dos pais, buscando instruir-se e sobreviver aos inúmeros problemas do cotidiano, encontra em Dona Jacira, a mulher, e em seus filhos, uma rima; no trabalho social, a solução; e, no poema, a salvação.

Fogo e água. Maria e José. "E agora, José?". Sua hora chegou, a festa não acabou, vai começar, sua palavra a dançar! Fogo e água. As águas das ondas gigantes avançam, tsunamis avultam de seus versos, assustando a vovó fiandeira, que tece, na roca dos sonhos, os haicais melódicos de José, que segue galopando no cavalo branco (comprado de Drummond), chamado Poesia.

Fogo e água. Versos, rimas, poemas. José e Maria.

O fazer de José em diálogo com a vida, num contraponto empírico, sem fuga nem medo, num desafio constante, numa busca da salvação pela palavra redescoberta.

O fazer de Maria dialogando, num jogo intertextual, com outros fazeres: em "Traçado", com Marina Colasanti e sua linda Idéia Azul, posta

a dormir pelo rei, enquanto inexorável o tempo voa célere; em "Mutação", com Gil Vicente e sua barca do Inferno; com Cecília Meireles, a subida ao último andar, onde tudo é mais belo. Alphonsus, Baudelaire, Eug nio de Castro, simbolistas e concretistas revisitados, assim como as cavernas de Platão e Saramago. Imagens dantescas ao som de Mozart e sob o signo de Eros.

O leitor desavisado terá que parar, recuar, avançar, voltar, decifrando o enigma, para não ser devorado e melhor compreender o mundo mitológico, literário, religioso, de nossa Maria . Mundo arquetípico, paradoxal, ed nico e apocalíptico, transfigurado pelos olhares de Maria e de José. Maria, simplesmente Maria. José, simplesmente José. Maria e José, simplesmente poetas.

Marilu Martens Oliveira

Cornélio Procópio, em 20 de fevereiro de 2005

Sumário

POEMAS DE MARIA A. MIGUEL

Inverno.....	3
Onírico	4
Desarmonia.....	5
Estatais	6
Abismos	7
Versos bucólicos.....	8
O lobo da estepe.....	9
Um sonho	10
Eros	11
Versos cálidos.....	12
Canção de acordar.....	13
Traçado.....	14
Vazio.....	15
Soneto do encontro.....	16
Mutação	17
Caminho	18
Cântico.....	19
Alquimia	20
Tempestades	21
Hai kais	22
Soneto da saudade.....	23
11 de setembro.....	24
Arquétipos.....	25
Pedras brutas.....	26
Prometeu	27
Monólogo	28
Nós	29
Dialética	30
Sem motivo pra rosa.....	31
José e Maria	32
Procura	33
Tuas mãos.....	34
Apocalipses.....	35
Dualidade.....	36
Core.....	37

POEMAS DE JOSÉ DOS REIS SANTOS

Epifania de Luz	40
Fogo e água.....	42
Inoportuno vento	43
Relutância.....	44
História de louco	45
O levante	46
Hai kais	47
Resquício	48
Incerteza mórbida	49
Sementes.....	50
Reino do tudo e do nada	51
Deusa dos ventos	52
Os espaços.....	53
Peça de vida crua	54
Bons dias	56
Inércia em sonho	57
Sabedoria	58
A Beleza	59
Qual razão	60
Desejo incompatível.....	61
Espelho do âmago.....	62
Uma visão.....	63
Liberdade.....	64
Oração de ser profícuo	65
O nada	66
Antes, eu e o futuro.....	67
Em tempo	68
Soneto do engano.....	69
A dor	70
Explicações.....	72
Mistério	73
Assim.....	74
Inconsciente.....	75
OS AUTORES	76

Poemas
de
Maria A. Miguel

DEDICATÓRIA

Às professoras Marilu Martens de Oliveira e Maria das Graças de Souza Arrebola, que despertaram em mim o amor e a dedicação à Literatura

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha filha e, em especial, ao meu marido Maurício.

À direção da FAFICOP, representada pelo professor Onofre Ribeiro de Almeida, à professora Vanderléia da Silva Oliveira, Coordenadora Geral de Cursos, aos professores Newton de Camargo Braga e Ananias Antônio Martins e a todos que, de forma direta e indireta, colaboraram para a realização deste sonho.

INVERNO

Manhã de inverno...
cada tiquetaque do relógio
acompanha compassado
meu esmaecido coração.
Quisera ouvir tua voz de primavera
e ver tapetes de flores na calçada
e os muros solenes todos enfeitados de hera.

Te amo.
E esse amor tornou assim
meu coração misto de lágrima e carmim
e no meu peito de inverno,
no sal das minhas lágrimas
o presságio do fim
daquilo que idealizei que seria eterno.
Bebo cálice de Dante
este absinto de inferno.

Quisera sentir teu sorriso de Eros
e nossos corpos cansados depois de um ritual profano.
Mas o que ouço é esse insistente relógio
que anuncia que estás perdido pra mim
e no fundo do meu coração de Hera
tão doído e eternamente este relógio reverbera.

ONÍRICO

A Carl Jung

ADORMECEM 'EGOS'

NO
V
A
G
O
CONTÍNUO
DO
S
E
M
T
E
M
P
O

INFINITOS...

DESARMONIA

A Mozart

Um meteoro riscou os céus
caiu

na terra

em forma

de um deus

Um meteoro rasgou os céus
e desafiou

a fúria de Zeus

Pasmem os céuticos!

Aqueles que duvidam de Deus.

Um meteoro alucinado desceu,

Riscou, rasgou o domínio dos céus...

Bramem os céuticos!

Um anjo louco saltou dos céus

roubou a harpa de um anjo,

seqüestrou a flauta de Pan.

Mas enlouqueçam os céuticos.

Deus ama deus

deus

amou

Deus

deus Amadeus.

ESTATAIS

Ao Presidente

VENDAVAIS
VENDA
 VAIS
VENDA
VÁ E VENDA
VAIS VENDA
VENDA COM RENDA
 VAIS
 SE RENDA
 MAIS
 AIS

ABISMOS

LUA

TUA FORMA TRANSLÚCIDA

ESPELHO NARCÍSICO

DE ANSEIO

E ANGÚSTIA

FLUTUA PERDIDA

BUSCANDO NO ABISMO

O SENTIDO DA

VIDA

VERSOS BUCÓLICOS

ESFAIMA

DENSA

PROFANA

FULGE

UFANA

F
S L A
E O T
C R E
E
S
T
A

SOBERANA

No paraíso incontinente de mim mesma...

O Lobo da Estepe

Lua alta
Oculta mistérios
Terrenos...
Um homem e um lobo
Caminham juntos
Serenos...

Um sonho

Esta noite eu sonhei com você...
Um sonho longo... que deixa ao acordar
saliente sabor... Inefável gosto do oceano,
indescritível beleza de mar...
Cálido, inefável gosto de ti.
Quando acordei em trêmulos suores,
desejei-te como nunca havia desejado antes,
pensei nos teus olhos... magicamente pensei
como nunca havia pensado antes!
Se soubesses...
Se sentisses
essa ternura, esse ensejo e como eu,
de forma tão intensa, te desejo,
me daria um longo tempo de olhar.

EROS

Sinto
Tateio
Mergulho
Interminável passeio
Adormeço exausta
Num suave cansaço
Enquanto contemplo
Teu corpo,
Templo de
Eros...

VERSOS CÁLIDOS

Ao último poeta simbolista

Desperta... cinzenta
a manhã.
Melodias, sinestésicas, síncopes... sinistras
no vago infinito, ao longe.
Algodão de nuvens navega entre névoas,
espelham nuances disformes
depois do enterro de uma deusa serena,
amena, melodia, cantilena.
Helena...

Cinismo

Desperta cinzenta a manhã.
A vida refulge nos olhos de virgens extintas.
A última princesa sentou, cansou de esperar
sufocada, extenuada, com seus quilômetros de véu,
mas, do alto da torre é possível ouvir
um rutilante tropel...
Majestosa carruagem de Apolo
a rasgar a magnânima imensidão do céu.

Purismo

Sem pudor um mergulho em teus braços,
caleidoscópico desses muitos traços.
Lá fora... o resto. Digo... resquícios.
São quimeras, panteras,
saudades de Alphonsus e
suas catedrais em
mágicos espirais...

Carnavais

E nós aqui, companheiros inseparáveis,
e a solidão pantera... quimera.
Dissolvem-se as matizes
pra desespero de Eugênio de Castro
e a fina flor dos fenos.

Alabastro

Mordo teu lábio ofegante, lasso,
enquanto te abraço,
entrelaço.

Canção de acordar

Hoje pela manhã, quando acordei,
não pensei em nada.
Eu não me lembrei da cotação do dólar,
nem do risco Brasil.
Não pensei em nada,
nem sequer nos canaviais extensos
que adormecem solenes, no regaço do vale.
Nada, ninguém pode me despertar,
nem o assédio da imprensa,
nem mesmo a teoria do poema sórdido
do Ferreira Gullar.

Hoje pela manhã, eu não pensei em nada.
Eu me virei lentamente de lado,
sorvi deliciosamente o sabor do vazio
e adormeci novamente,
pensando em você

Traçado

à Marina Colasanti

Depois de longos cem anos
quando a luz reacendeu na sacada
abriu os olhos a doce menina encantada.
Longos anos... Tinha a mão inerte e a pálpebra cansada.

Mas, acordada a princesa
não pensou mais em nada,
deixou o palácio,
aprumou a cabeça,
tirou o sapato e
tomou a estrada...

VAZIO

Um rei louco
tinha todos os reinos da terra.
Faltava uma ilha, uma ilha apenas...
Deu tudo que tinha em troca dela,
depois se deitou... e dormiu.

Soneto do encontro

Choro e me desmancho em lágrimas torrenciais,
Choro e me desfaço neste Templo Sepulcro,
Purifico minha face insana, desenhada em espectro vulto,
Choro e chorar me refaz, restos de mim, estranhos rituais.

Choro e neste choro homérico
Deságua minha dilacerada alma mortal.
Desfazem-se em gotas oceânicas,
Estes demônios internos, falsos seres angelicais.

Choro e neste choro esvai-se minha consciência de Dante,
Dilacerada minha máscara, *persona* de Hera
Raivosa, indomável, enfurecida fera...

Enquanto sinos anunciam ao longe um mórbido rito,
Esmaece na escuridão meu coração contrito,
E minha triste alma se esconde em escombros de meras... qui-
meras.

Mutação

Caos contemporâneo?
Sibilam sinos no além
Fim do jugo... tribunal de ninguém
Findou a esperança no eterno
Vaga solitária... a última barca do Inferno

Caminho

Algo que meu riso completa de forma amena,
Que meu ser individualize, eternize,
Que em meu coração desperta, sereno,
Que de seus lábios em cascatas translúcidas deslize,
Sonho... eternidade, sorriso demente, completo... lânguido,
De amplitude lassa, profunda,
De etérea busca... magicamente tece fios de vida,
Principio de louco se atira na vida e a engolfa serena,
A pequenez extrema do mundo.

Circula e nesta mandala
Se atira e ama, odeia, louca, e suplica
Num torreante salto do alto da torre,
Planta e semeia, vigia seus fieis cordeiros,
Em punho tua secular candeia.

E tua balança mede a tudo e todos,
Enquanto refulge no mais alto dos céus
Lua perdida, obscura, indefinida em seculares fases,
Domina soberana a majestade destes muitos sóis.

És o principio do tudo,
Deusa majestosa do nada,
Enquanto o mundo triunfal te aguarda,
Louca a recomeçar teu trajeto infinito na estrada.

Cântico

Uma lua triste transita...
Derrama em cântaros funestos
lágrimas rubras, em cantos resquícios,
a tragédia de Tânatos.

Paira no abismo
o último som de Orfeu,
anunciando em lágrimas cósmicas
que o deus Pan... morreu.

Alquimia

A fada e a bruxa
resolveram trocar de função
para espanto de todos
menos do esperto Camaleão

Tempestades

Dentro de cada ser
arde a fogueira santa... avassaladora,
tribunal de humanos, hereges, profanos.
É o espaço da sonolência profunda
dentro do sono extenso.
Nas cavernas, reverberam ecos:
restos de deuses vencidos.

Num rio submerso de águas escuras
jaz esquecido um espelho difuso,
sandálias aladas, alaúdes, lembranças esparsas...

Há um cordão estendido sobre o abismo,
gritos macabros, mulheres nuas e frias,
poetas pálidos, bêbados, exilados da torre.

O último fio é cortado...
Uma bailarina suicida se atira do penúltimo andar.
Erro de cálculo... No último andar é mais bonito
e lá é que ela queria morar.
O fim é o espetáculo irônico do sem-fim, do nada.
Só o nada é o começo...

Procissão de eus estrangulados,
mulheres em chamas... guilhotinas... fogueiras...
A corda cinge em estalidos surdos
mas nos confins da floresta, os galhos se estendem
serenos, lassos... distantes. No longínquo ecoa uma sinfonia de
pássaros soturnos.
Cálice de Dante... O que sobrou depois da morte de Baco.

Um velho pragueja à margem do Tejo,
bravos guerreiros dividem seus espólios de guerra,
outros homens lamentam inertes a agonia,
choram por tudo aquilo que seria...
O todo do que nunca foi...
Sobram apenas seres de pedra... Estátuas pujantes,
decomposição mal cheirosa de sonhadas cidades-estado.

A mão da deusa Maya
anuncia que a última muralha caiu...
Fosso da história, fria... inorgânica...
Ostentação ignota da derrota dos homens...

Em festa a televisão ligada serve uma sopa rala.
Toma o espetáculo dos *reality shows*.

Hai Kais

Na noite escura
sob manto negro de floresta
Um esquilo voa

Gramma molhada
no orvalho da manhã
Gotas de vidro

Olho seus olhos de mar
O mar me olha como seus olhos
Olhos nos olhos a... mar...

Na noite escura
Inebriantes faróis de neblina
Dóceis afoitos pirilampos

Passatempo, o tempo passa
Passam os passatempos
Tudo o tempo todo passa

Soneto da Saudade

Enquanto foguetes vivos ao longe subiam...
na noite longa e fria de São João,
dois lábios cálidos exibiam
sorrisos imersos de paixão.

Cessou-se o tempo dos amantes...
Adormecem em chamas frias fantasias.
As noites esperam dormentes a chegada dos dias:
são resquícios do que éramos antes...

Passaram-se os fogos e todas as festas.
Caminho tortuoso em passo lento,
silenciosas noites, caladas... orquestras

Tremulam... palavras mudas, ressequidas,
flâmula de esperanças, murchas... esquecidas.
Sonhos desfeitos, esfacelados... ao vento

11 de Setembro

O esquilo na sombra
Contemplava estupefacto
Com os dois olhos vidrados
Um espetáculo dantesco
Eram

Duas

Torres

Gêmeas

Que

Caíam

Arquétipos

A fada e a bruxa
encontraram-se certa manhã.
Cumprimentaram-se amistosamente
com o devido respeito
que cabe às autoridades de Pan.

Pedras brutas

Sou pedra bruta em processo de formação.
Artesãos insurretos sugerem a lapidação,
mas prefiro esta casca mortal que me protege,
Mesmo que me acusem de profana e herege.

Você é diamante negro que se esconde
no longínquo obscuro de uma noite eterna.
Iguais... cúmplices, busco em mim sua essência,
enquanto encontra em mim sua inconstante latência.

Somos da última embarcação,
pertencemos um ao outro de forma peremptória.
Quando questionados sobre nossa livre escolha,
preferimos um cálice amargo
ao invés de um cálice de glória.

Prometeu

Tua essência,
anjo meu,
é sal e sol...
Cai sobre mim em raios luminosos
e salga docemente meus sonhos... secretos... desejosos.
Mora em teus olhos
um segredo de mar
que seqüestra e captura
minha essência de lua
no cosmos a flutuar...

Tua essência,
anjo meu,
é sal e sol e mar e mel...
Como ondas revoltas,
abrsa minha vida,
agita minha alma.
Em raios luminosos
repousa em mim,
misto de mar e céu,
como sonho abrasivo de Prometeu,
mescla tudo que é teu... e meu...

MONÓLOGO

Numa aldeia estranha
moravam espíritos inquietos.
A bruxa velha sorria sardônica e perguntava:
– Quem é que disse que se podem calar as pedras?

NÓS

Eu e Você.
Busca incessante de Nós.
Ritual templário... paisagem num horizonte de paz.
Tabernáculo de Moira que
fia, desfia... desata os nós

Nós:
Você e Eu.
Martírio e sofreguidão de Prometeu.
Soltas as correntes,
regenerados exaustos... nos tornemos
embevecidos Ícaros a voar,
deslumbrados neste cosmos
Seu e Meu.

Agora libertos, com nossas asas serenas... plácidas,
adocicadas asas de cera... lassas,
Voemos...
Amemo-nos...
Entrelacemo-nos.

DIALÉTICA

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Athenas,
Falenas... helenas... pequenas... cantilenas.
Mirem no exemplo daqueles homens de Tróia,
Valentes... pungentes... saudosos... inteligentes.

Mas mirem-se no exemplo da gente fraca,
Oprimida... sofrida... sem solo e sem planos.
Em castelos mansões residem fúteis helenas.
Em tempos de guerra derrotam-se troianos.

Gregos
Sôfregos,
Fúteis,
Com suas dóceis falenas,
Amenas,

Num império global interligado por poderosas antenas.

Sem motivo pra rosa

O Zéfiro qual itinerante seguro,
como tu, oh interminável rosa,
espalha ao longo
destas incontáveis veredas
o perfume das sepulcrais lágrimas de Pan.

E tu, Aurora,
companheira inseparável destes muitos óbitos,
o aroma de pétalas semeias
da indefinível e interminável rosa.
Pranteia e eclode o som da flauta agreste
invasora destes campos insólitos sinistros
quando das naus ao longe se ouvem gritos.
Prenúncio... Presságio desse tempo extinto.
Somente estas sepulcrais lágrimas
e o aroma que exalam
conservam e resumem
a Cinza das Horas
na vaga, inócua sabedoria dos homens...

José e Maria

Eu...

Você...

Antes opacas estrelas submersas
no mais profundo e vago oceano.

Eu, você,

um caminho que se cruza,

água límpida que flui dos cântaros etéreos
rompendo firme o reino de Urano.

Eu e Você,

côncavo e convexo,

almas irmãs “presas”

no limitado invólucro humano.

PROCURA

Ser feliz em si mesmo
Não é exatamente uma forma de ser feliz
É ser como uma ilha: cercado de infelicidades
Ser feliz é estado efêmero de espírito
É sopro de vela no oceano da existência

Felicidade é fagulha de Piro no tempo do Ser
Nuances efemérides na longínqua constelação de viver
Lassidão propicia na alma... Espelho e reflexo da Calma
Como se trovassem no âmago lembranças e reminiscências
de um Deus implícito
No interior de uma caverna escura e fria...
Tremeluz uma candeia incessante
Luta e reluta e essência do Ser
Esparsas lembranças de um Cronos perdido
Num vago abismo de Alma
Fugazmente... Feliz!

Tuas mãos

Tuas mãos,
manancial de água límpida
que escorre em mantos sacros,
em angelicais cântaros divinos...
água cristalina que flui.
Emana em ondas translúcidas
luz divina,
etérea...
suprema...
Tuas mãos... conchas marítimas,
sacro invólucro,
são pirâmides que apontam
para um longínquo tão próximo
espelho de céu.

APOCALIPSES

No vasto horizonte de Gaia
erguem-se acordos piramidais,
tarântulas tecem emaranhados de ismos.

Pedras angulares,
templos sacros e decretos...
deuses quiméricos buscam exílio
em seculares sarcófagos foscos... obscuros,
sôfregos... trêmulos.
Enfim, o finito do Crônos...

Resquícios de um Éden dilacerado,
serpentes aladas e caminhos de pedra...
Ofélias bóiam em lagos – espelhos,
danças dionisiacas e de ninfas afoitas.
Marmóreos edifícios se erguem...
Renascem telhados... pintados...
Sonho... Paisagem onírica do Antropos...

Naus insólitas cruzam o Poseidon,
óbitos de monstros petrificados,
triumfais banquetes venéreos.
Leis... códigos... blasfêmias... fogueiras.
Acesa candeia da Luz... da Razão

Em recônditos burgos,
gemem sem fôlego vampiros vencidos,
império dos ismos:
Mercantilismo
Imperialismo
Capitalismo
Comunismo
Espetáculo funéreo... circense...
Mambembe...
Cinismo.

Dualidade

Contemplo a vastidão do mundo, do alto de uma colina
Vejo absortos homens a escavarem pedras
Homens com suas bombas... homens bombas
Contemplo destroços de Templos e um funeral onírico
Contemplo e essa visão me consome
Dual ambígua essa visão me absorve
Lava minha aura com água límpida que cai dos algodões etéreos
Contemplativa este ritual me encanta
Destroços de Templos Muros que caem
Pairam serenos cavalos alados, unicórnios e sereias
Do íntimo do meu corpo sinto o pulsar da tinta nas minhas veias
Contemplo embevecida este traçado paradisíaco
Este homérico funeral onírico
E louca me assombro com o corvo debruçado
Sobre o lúgubre ombro de Athena
Contemplo enquanto murcha... sem rosa... sem nada
A rosa de Hiroshima cálida e inválida
Que neste rito macabro se despetala
Enquanto soltos do labirinto de Minos
Voam perenes Dédalo e Ícaro
Num interminável
Espetáculo dual!

CORE

Doce menina
a colher flores do campo,
Pan, na altitude do Olimpo,
libera em festa seu doce canto.

Doce menina absorta e encantada
No traçado das Moiras jaz mulher,
Inocência roubada pela tirania de Hades
Que, na sua covardia, se esconde... se evade.

Carruagem de assombro
A mergulhar no escombro
Da vastidão do inferno,
Cascatas de lágrimas ,
Assomos de inverno.

Despetalam-se flores murchas
Agora detrás da muralha,
Faminta devora sementes de romã encantada.
Chove, e essa torrente não tem fim.
Dos seus olhos, menina mulher,
Brotam sementes de angústia e de dor,
Crescem formosas em sua luxúria e beleza,
Enquanto no tribunal deuses discutem com destreza
O destino ínfimo de pequenos plebeus.

Poemas
de
JOSÉ DOS REIS
SANTOS

DEDICATÓRIA

Ofereço este livro para todas as pessoas, indistintamente, e, em especial, para todos os Kami Kumite, do Shodojo de Londrina, que fartamente tem me ajudado na arte de me tornar uma pessoa melhor, apesar das minhas insuficiências.

A todos o meu terno carinho e gratidão.

HOMENAGEM

A todos aqueles que conseguiram perseverar no altruísmo em prol da felicidade da humanidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus Supremo;

à FAFICOP, pelo auxílio na conquista deste sonho;

aos meus pais;

à minha esposa Jacira e aos meus filhos;

à professora Maria Aparecida de Fátima Miguel que, com seu entusiasmo contagiante, fez renascer minhas esperanças na concretização desta obra.

A todos meu sincero sentimento de gratidão.

Epifania de Luz

Abrem-se as portas
e alguns corações dilacerados
ao calor da luz que aporta
se confortam!
O sol radiante
ilumina o sorriso de todos os lábios.
O verde da esperança e do vigor
se compraz e nos faz sábios.
Eterniza o nosso vívido sonho.
Agora são heróis da alegria,
vencerão a tristeza e apatia
tornar-se-ão Argos
felizes e verdadeiros
seres altaneiros.

O dia acorda lentamente,
desponta em glória o astro Rei
ao ato de gerir vem o comando,
suar, correr, sorrir, brincar, cantar,
e ter pra sempre em si o acorde daquilo que ouvirão.
A tez, revigorada e latente,
à luz dos olhos jovens cintilantes
Água e Fogo então se cruzarão.
Em júbilo de ternura e gratidão,
ao coração no exergo cravará
o amor comum de todo filho nobre
que ensimesmará como uma flor
a exalar delícia estelar.
Com a alma terna enfim
cheia de amor.

Agora o sol, o vento
e os jovem se conjugam...
Por mais idade que possam ter.
Unificados como a terra e as flores,
iguais aos sentimentos e aos amores
que descem na vertical com a Luz solar.
Revivem esperanças esquecidas,
enternecem as almas embevecidas,
recônditas a tempos por amar.
E o tempo do agora é nesse instante.
O recomeço é vivo e flameja
para inverter o fluxo obtuso

desta violenta correnteza
que o materialismo nos impõe,
num despautério inerente e habitual,
que, ao crer felicitar bravos homens,
destoem-se a terra, o vento e as estrelas,
e até brisa invernal.

Fogo e água

Horizontal e vertical fundidos.
Cruz tridimensional em uno.
Nada e Tudo, em tudo unidos.
Junção de Zeus e Netuno.
Água e fogo em poesias,
flamar fervura em chamas.
Furor no coração de massas frias.
Cavaleiros em par com suas damas.

Chuva e sol, em corpo e terra.
Funções de elementos antagônicos,
na conjunção simétrica prosperam
das rimas destes versos anatômicos.
O certo que contém toda a certeza.
Do incerto ao verossímil de incerteza.
Enfim, assim e finalmente bem,
o fogo e a água se apresentam!

A vida em si perene em mutação.
Elipse de quem gira pra se ver.
Contraste de breu com um brilho de emoção.

Inoportuno vento

E o vento ao roçar nos meus cabelos,
com dedos frios da saudade do momento,
que o tempo parece nem ao menos se importar,
embora frio e indiferente de emoção,
trazia-me certo doce beijo,
vindo neste frio e inoportuno vento,
falar-me de certo abraço quente de emoção.

Atiçou minha saudade este invisível vento,
mais ainda e novamente,
como se quisesse remeter-me aos seus braços,
que esta saudade nem sei onde residia em mim,
por tanto tempo... por tanto tempo!
E sem tempo de discernir minha razão prudente,
tive vontade de dizer que ainda te amava.

E disse então ao vento inoportuno:
siga enfim o seu destino e leva-me contigo num sorriso.
Toca seus cabelos com esse beijo de vento,
... mesmo que a ela não desperte essa saudade
do nosso amor.

Relutância

Havia um silêncio dentro de mim,
captado na solidão do meu inconsciente.
Um vazio que parecia sem fim,
pois viveria eternamente.

Deixei levar-me pela noite destes mares,
na escuridão e pelo açoite,
como se as dores fossem indolores,
e a morte a calma do leite.

Mas deparado enfim seus olhos negros,
pérolas de estrelas reluzentes.
Deus salva por esta luz,
sonhada sempre desde antes.

Na minha inciência indefinida,
inerte de esperança sois milagres.
A paz me faz pessoa envaidecida,
por receber de ti felicidades.

Ah! se eu pudesse possuir-te altruísta,
e o egoísmo do amor fosse inútil,
impreciso no ser ego centrista,
nosso egoísmo tão nocivo quanto útil.

Que no afã de realizar nossos desejos
suplantamos o destino e perdemos muitas glórias,
porque o amor parece vir sem ter almejos,
pra quem suporta enfim a própria história.

História de louco

Um dia, na sabedoria dos loucos,
eu me vi próximo de suas lógicas.
Pensei ter perdido meus ideais
e esmaecido minha fria retórica.
Imaginei ter saído de órbita!

Eu havia caminhado muitas horas,
talvez estivesse alucinado.
O sol, a poeira, o vento e um caminho malfadado,
tornei-me um pobre, reles... coitado!

A contra gosto, e posto a seguir
por uma força imprópria
e indefinida a me influir,
eu ia sem querer ir,
eu era forçado a seguir!

Pus-me subindo montanhas a pico,
como um alpinista louco e rico.
Sem notar precipício, ou esperança,
pensar ou ter lembranças,
era ali uma própria criança.

Encantado com as luzes
das estrelas reluzindo,
eu era um menino sem futuro,
sem idade e sem cidade.
Completa insanidade!

Incógnita incondicional,
obscura e fugaz.
Um sol, um pássaro moa,
uma luz, uma nave me soa
absurda, confusa e contumaz.

Que os loucos não me ousem
compreender,
que a sabedoria não abuse do meu ser
em seu incontinuo tempo.
Que este inconsciente lamento
seja incongruente excremento.

O levante

No ápice de um momento crucial,
que nós, parte da humanidade destrutiva
que caminha a passos largos
rumo a um futuro incógnito,
 façamos emergir nosso levante.
Jamais nada será como antes.
A natureza (e Deus, agora atônito)
mais que tão somente intuitiva,
de esperanças e expectativas,
poderá também nos causar mal.

Que o mal recrudesça sobre nós, como vis,
se não retroagirmos ao começo,
que o desperdício e a avareza a isso
nos conduzam, e a mim, se assim mereço.

Hai Kais

Sismo de luzes.
Fios de riscos verticais.
Chuva fina, cai do céu.

Visão da janela
Reflexo d'oiro verde
Sol... pingo de chuva

Luna plena de luz.
Luz cheia de luz do luar.
Olhos da noite.

Os olhos dos olhos.
Refletância dos olhos
Do grande Sol...

Samambaias

Cachoar de folhas,
verdes. Descem do teto.
Levante de olhos...

Som do silêncio.
Sob flores abóboras.
Clã de borboletas...

Braços e abraços
Bailarinos ao vento...
Eucaliptos.

Lume lúgubre,
Céu estrelas e nuvens.
Chuva persiste.

Resquício

Falar do que não vivi,
viver o que não senti,
parece mesmo desconexo... incoerente,
mas tenho um acorde em testemunha
que paira no ar preenchendo lacunas entrementes
e, no pulsar incógnito do meu ser,
transmutam resquícios deste correr sangüíneo
nas veias do meu coração.

Resquício de uma vida sem lembranças,
mas que, na materialidade, vive em sentimentos
bem dentro das entranhas de minh'alma,
um abismo de fogo incandescente
tal como uma fogueira gélida
que queima e acalma,
inflama e sombreia... as minhas lassas inconstâncias
que também não sei de onde vêm
ou de onde virão
estas esperanças permeadas de vazio e nada,
ocupando espaço entre partículas inexistentes,
algo que persiste... resistente
além do âmago da razão
e de tudo mais
o que convém...

Incerteza mórbida

Labirintos de desencontros,
incrustados em todos os momentos,
em todos os instantes, em cada vida.
A única certeza...
A morte.
seja imbuída de sentimentos incertos.
(Que labirinto esta vida!
em que até o que pode ser certo
é na verdade uma incógnita,
um devaneio, uma tênue ferida.)

Embrenhado nos anos desta retórica,
nesta avidez lúgubre de cada após porta,
e nesta estranha imposição da multidão,
vivo constituído destas infelizes dádivas,
feliz por estar vivendo.
Mesmo que morresse a cada instante,
neste contraponto de ilusão,
melhor assim, se posso até sonhar
enquanto ainda pulsar meu coração!

Existem ainda os pontos e contra sensos,
sempre levados a contragosto,
que na morte nem nos trazem certeza,
e ,em detrimento desta avareza,
desistiríamos de querer ser felizes.
Conquanto adivinhássemos tudo antes,
nem mesmo isso evitaria o desatino,
pra ser e ter o cumprimento
de crer, sofrer e agradecer,
e dominar nossos destinos.

Sementes

Diminutas partículas internas indivisíveis
que aos nossos olhos, inócuos mortais,
parecem invisíveis.
Que além de incríveis e indecifráveis,
advém de sentimentos da imensidão,
compacta e imensa ao mesmo tempo.
Qualidades infinitas e distintas,
que se alimentam de chuva, terra, ar... vento.

Na imitação dos homens,
um circuito integrado,
com suas limitações,
nada nos espaços vazios,
algo improfícuo de ações!
Na outra, entretanto, há cheiro,
sabores e tempo de duração.
Sua textura e cores inerentes à sabedoria
desafiam e indignam nossa compreensão.
Premeditada cuidadosamente: eis aí nossa semente, com
exatidão.
São tantas diferentes:
surgem, nascem, crescem e florescem.
Rasteiras, frondosas, floridas, e cheirosas.
Enfeitam campos e cidades, praças e bosques...
Vivem serenas, plenas, espalhando seu aroma e beleza:
bardanas, barbatimão,
bem-me-quer e beladona,
begônias e flor-de-lis.
Belezas que embalam saudades e poesias se tornam
dos sonhos que então vivemos!
Quem as fez, fez consciente do que estava fazendo!

Reino do tudo e do nada

O Deus do nada e tudo é o mesmo.
E eu estou no meio do contexto,
entre o tudo e o nada.
Vejo-me e vivo ao cheiro das florestas.

E cantos tantos sempre tão em festas,
Do vento, pássaros e trovões
que encantam e estremecem corações.

O nada de Deus é realmente existente.
Contudente, contumaz e onipresente.
É aquilo que microscopicamente não vemos,
mas sentimos.
E eu estou no meio do contexto,
entre o som e o captar dos meus sentidos,
o que decodifica o entender dos meus ouvidos.

O Deus do nada, que aparenta nada,
também criou o nada entre tudo.
Seres espirituais, existenciais,
com vidas naturais ou anormais.
Mesmo sem vida aparente ou vidente.
E eu, no meio do contexto,
vendo o que posso e sentindo o que me permite.

O Deus do nada caminha entre o vento,
e o que impulsiona o vento.
Entre a dor e o amor, a alegria e o lamento.
Na justiça do momento, justificada pelo seu juízo,
justo e inconteste, qual juízo eu faça em detrimento.
E eu no meio do contexto.
Incontestavelmente, insuficiente... Seu representante.

Deusa dos ventos

O vento se manifesta nas folhas.
E minha pele lembra de ti.
À noite tua ternura me aquece ao som de Beatriz,
que embala o meu sonho feliz,
que Milton preludia em seu cantar e
não existiria sem seu existir.

Olho-te nos olhos e os meus
se aquecem com seu brilho a cismar no canto
como se também se refletisse aqui nos meus
esse calor dos teus, que abrasam tanto,
a romper íngremes caminhos indefinidos e distantes,
e vem me tocar mansinho,
como ninguém houvera feito antes.

É como no angular de traves indefensáveis
onde o goleiro é a própria solidão.
Fluindo ao vento em ternura cálida,
teu corpo leve, calmo e tão suave,
locupleta meu sonho e meu despertar
em terna e pura aura de emoção,
caído e absorto em solo verde,
ali tão abatido ao pé da rede...
entregue a este destino desejável e tão pagão.

E na sinfonia que o vento sopra,
Chopin altivagando em meus ouvidos,
fluindo a desnudar meus sonhos e emoção,
tremula no meu ventre o vibrar de um violão
que não sei de onde vem e usufrui
de toda tua ternura emudecida,
pelo espaço e tempo esquecida.
Em desatino, penso, senão dos anjos,
a que viera esta minha deusa dos ventos!

Os espaços

Não há vazio no tempo,
nem espaços para preencher.
Em cada tilintar do relógio,
as lacunas são preenchidas
com o meu e o seu viver:
nossas vidas em todos os espaços.
Onde quer que eu vá, levo você comigo.
Eu não existo sem você.
Seremos sempre cúmplices
inversos e ambíguos.
Estarei sempre consigo
e você, nesta estrada cósmica, comigo.
Sua presença é força vital que pulsa dentro de mim.
Estamos fundidos em corpo e alma, como o começo e o fim.

Não tenho forças para dizer não ou renegar.
Nosso amor antecede esta vida...
Eternizou-se com o tempo
para sempre estar.
Você se foi, mas sua presença efêmera cristalizou-se,
tornou-se essência para que eu possa respirar e sentir.
Sinto seu cheiro no vento, seu frescor, sua aura e o som de
seu sorrir.

Peça de vida crua

Com o sal de minhas lágrimas,
adocei minhas águas que mataram minha sede,
temperei alimentos, me curei com unguentos,
aprendi seus sabores.
Clareei com meus olhos o brilho da noite.
Inerte, adormecido, enfrentei os açoites.
Dos amigos de infância, sorvi seus amores,
entendi suas dores pelas dores que tive,
que compartilhamos em noites de prosa,
em contos de rodas e em sonhos terríveis.

Na eternidade de cada dia,
nas esperanças mortas, súbitas ou vazias,
nas incontáveis tempestades de verão,
nos escuros das estradas, do silêncio à solidão.
E onde quer que eu estivesse,
mesmo se jamais quisesse,
lá estava você dentro de mim,
em forma de angústia, revolta e medo,
pulsando como saudades,
todos os meus enredos,
e até meu próprio fim...

E assim, dia a dia,
a minha vida vazia
fez-se forte o mais que eu pude,
mais que doce, menos rude,
mais que o amor, menos que eu quis.
Transcendente, onipresente e onisciente,
feliz ou infeliz,
pensante, transiente, transeunte,
transigente, tácito e lívido
e Deus como geratriz.

Como se vê nos meus versos
de rimas dolentes e cruas
como sujeira das ruas,
de palavras tão intrínsecas,
de verbos não conjugados
e de dias malfadados,
azougue à sobrevivência,
face à impaciência
das vagas esperanças,

vivi para que não morresse
a verdade de se estar vivo,
mesmo se não merecesse
a resistente aliança
que tanto fora preciso...

Bons dias...

No fio extenso de um varal,
gotículas de chuva translúcidas
espelham o brilho do Sol
e parecem dizer:
Como era bonito... o brilho dos teus olhos.

Nostálgico outono vermelho...
Teus cabelos lisos e negros...
O teu corpo
a se confundir com a silhueta da montanha
a cobrir o Sol.

Quando eu te contemplava
à sombra da luz da lua
E no ósculo dos teus lábios,
na ternura das tuas palavras,
no calor dos teus carinhos...
Quantas saudades!

Do alto da montanha, minha visão é verde
e teus olhos negros... um marejar feliz...
um conto longínquo a sorver a aura da brisa.
Eram dias felizes...

Tua mão em minha mão. Um caminho...
Os pássaros, as flores... teus carinhos...
Não existe um final exato...
Nem um fim definido...
Nem na morte...

Inércia em sonho

Nunca te vira tão linda...
pois o antes inexistira desde sempre,
inerte sobre um sonho inexistente,
guardado em lugar lúbrico da alma.
Porquanto nem o tivera encoberto,
enchias-me sempre do desejo certo,
e tão incerto,
de te amar num certo dia.

E um dia, mesmo que fosse por instantes,
como quem te visse apenas em semblantes,
sem antes mesmo que te visses
nos olhos que meu espelho refletisse,
enquanto te olhavas em mim mesmo.
e cheio de saudades incongruentes,
certo de jamais estar demente,
porque o amor, esta incógnita deliciante,
afloresce como luzes na minha alma delinqüente.

Nem posso ver-te ou deixar-te só...
resides em mim tão própria como às células.
E Deus, aos risos, brinca com a onisciência
de que existes em mim na inexistência,
porque jamais te previ em mim, em qualquer tempo,
mas te sinto no meu hoje
e na esperança do pra sempre...
ser eternamente!

Sabedoria

Infelicidade é própria da incompreensão
de quem pensa sempre ter razão,
que leva à tristeza, renega o perdão.
Daí o ressentimento e a insatisfação,
próprios dos ingratos e de toda ingratidão,
que levam às injúrias, ciúmes e difamação,
próprios da tristeza e da sedução
de quem vive sob o prisma
de uma grande reclusão.

Dor e introspecções
que os homens, na ganância de quimeras ilusões,
investem na verdade desta intenção secular,
a ilusão da sapiência,
quando pensam ter ciência
de saber viver.

Em verdade, em verdade quase nada nos pertence,
a não ser a sabedoria de pensar que nada somos.
A chuva ficou ácida, a lua escureceu, o gelo derreteu,
o sul não tem mais norte, tudo se perdeu.
Minhas lágrimas atenuam o sentimento,
mas minha atitude é indesejável,
porque se sinto tanto e nada faço,
sou dos tantos outros lamentáveis.

A beleza

A beleza é algo que transparece.
A beleza não se impõe nem se oferece.
A beleza se tem para sentir.
Quem a tem quase sempre é retraído.
É algo que fica escondido, pra gente buscar e descobrir.

A beleza não pode ser só aparente,
feita de amostra contundente,
como algo pra vender.
Quem tem beleza intrínseca,
transborda-a no sorriso
ou mesmo quando se brinca
acariciando uma flor.
Beleza há nos meninos,
nas meninas, nas saudades.
Beleza de vaidade não se ensina,
por favor!

São tantas belezas infindas, nos beija-flores, samambaias,
no jeito e nas cores das saías de nossas belas meninas.
Assim como nos serrados, nas cidades, nas campinas, nas
praças
e viadutos, nos jardins e nas cantinas.
Belezas iguais, formais ou irreais,
das borboletas, besouros, dos canários e pardais.
Quem tem beleza correta, nunca a deixa descoberta
nem a publica nos jornais.
Beleza transcende a alma,
nos dá calma e nos revela
as qualidades ancestrais.

Qual razão

Qual razão teria a concessão da vida
neste mundo imenso de valores tão complexos?
A todos há o quinhão de extensas feridas,
que incidem em cada um por toda vida.
Hábitos, costumes e pensamentos,
pessoas, atitudes e coerência,
misturam-se as esperanças e as experiências
que tornam a razão da própria vida.

Não as entendo, o quanto ferem meus sentidos,
que essas dores aguçam a minha intolerância e medos.
E qual segredo então desvendaria,
pra entender de fato seus enredos.
Busca-se nos meandros desta existência,
o que me exerceria a coerência,
de ser feliz nas adversidades deste tempo.
Ou se outro tempo esperaria.

Desejo incompatível

Meu sentimento é tão livre que se mistura no horizonte com o pôr do sol.
Meu sentimento é um espírito que viaja suave a cavalo no vento.
Ele ludibria meu sentimento e flutua como um canto em si bemol.
São tantas belezas que vejo que, aos olhos de meu desejo incompatível,
meu sentimento passa como relâmpagos no céu.
Meu sentimento parece desassociar-se de meu desejo,
porque toda a beleza que vejo ou almejo querer,
meu sentimento rechaça e me coloca na saudade,
na saudade de você!
Se padecesses o sentimento de te amar,
se me ofertasses as recíprocas verdades de meu coração...
minha alma choraria em profusão lágrimas de pétalas
perfumadas de ilusão
que, enfim, se tornariam
verdades, infinitamente cheias de emoção!

Espelho do âmago

Busquei tantas tolices como felicidade eterna,
nesta vida terrena, neste antro de seres pseudomaiorais,
onde para os insaciáveis querer é sempre mais.
E, no meio destes, me encontrei muitas vezes sozinho,
num longo caminho, onde o retroceder é quase sempre jamais.
Busquei, assim como a humanidade,
minha insaciabilidade de ser simplesmente feliz.
Cometi meus erros, com esmeros e desesperos... Cometi.
Pude encontrar-me de fora pra dentro e me sentir.
O não ser um ser vazio, egoísta e hipócrita... Refleti.
E diante do espelho do âmago, a mim eu não me via, eu não existia.
Faltava-me a humildade dos sábios, a bondade dos justos,
a severidade dos deuses e o riso da gratidão.
Eu não era eu, o eu que eu deveria ser... Não era não!
E se um pouco sou neste momento, em tempo, me redimo
de mim mesmo... Só de pensar.

Uma visão

Do alto da montanha, é verde minha visão.
Mas na verdade não posso ver minha própria visão.
Tudo que olho e vejo parte de mim pra fora.
Mesmo quando olho no espelho, só vejo meus próprios olhos,
que olham pra mim.
Minha expressão pode dizer muitas coisas,
mas eu preciso querer vê-las.

O sol dá um tom dourado nas relvas,
as relvas eu posso ver.
Queria ver meu dourado e minhas relvas,
mesmo que fosse através do espelho.
Sei que tenho doce, acre e sal.
Sei que faço parte dessa mesma natureza.
Mas sempre degusto algo que me faz infeliz.

Queria ser diferente sem ser anormal.
Queria ser normal, sendo diferente.
Minha visão é consonante com o que penso.
Mas o que penso, penso que penso, mas não penso.
Pensar é uma interação tridimensional,
do espírito, mente e corpo.
De algo que antecede ao ato de pensar.

Quando olho daqui das montanhas...
vejo ao longo que antecede o horizonte,
todo glamour exuberante de Deus.
Flores e arbustos forram o chão.
Parecem sorrir ao balançar dos ventos.
Os pássaros revoam serenamente,
e eu me busco em meu próprio encontro.

Liberdade

Meu pensamento é tão livre,
que pena eu não poder
ser assim também tão livre.
Meu pensamento é tão leve,
qual leveza de fiapo de paina...
ou talvez de algodão.
Toda liberdade tem seu preço.
Para o meu pensamento, não.
Meu pensamento o vento não carrega, conduz.
Com o meu comando pensante,
ele segue como a luz de uma estrela cadente.
Posso ser onipresente, meu pensamento é um ser espiritual.
Usufruo do tempo sem tempo,
um ser espiritual sem corpo, sem peso e sem lamento... original!
Só meu pensamento pode ser livre assim: tenho dito.
Meu pensamento é como um canto bonito.
Tudo pode ser maravilhoso, sem guerras,
sem terrores e sem lágrimas,
sem saudades, sem dores e sem mágoas...
Este é meu pensamento...

Oração de ser profícuo

Oro-te, Deus, em reverência.
Falta-me paciência.
E perseverança me falta também.
Sinto-me afoito e solitário,
Parece inglória minha luta, sinto-me ninguém.

Queria ter compreensão.
Persuasão queria, Deus, muito ter.
E quando pudesse olhar profundo em meu irmão
Tocasse o meu olhar seu coração
E a ele meu sorriso fosse algo emotivo,
Persuasivo e definitivo em sua solidão.

Oro-te Deus, como um menino
Que o sino cisma e soa quebrando
A luz da escuridão.
Que mesmo sem saber, possa ensinar,
Esparramar sorrisos felizes e contaminar
Todas as pessoas sem distinção.

Oro-te Deus, que meu carinho seja verdadeiro.
Pioneiro desbravejado e sincero.
Que eu possa melhorar no amanhã
E vir a ser fértil e afã de teus esmeros.
Oro-te, Deus, humildemente.

O nada

O nada não é algo que não existe,
Apenas não vemos.
O espaço é algo que se consiste,
Mas que também não vemos.
Todo o sentimento não é tangível,
Mas é cindível.
Crer não é um espaço, nem uma espera.
Crer é uma esperança,
Não algo que se pondera.

Encontrar Deus na gratidão,
Dentre sim e não, na multidão,
Na imensidão, na inconsciência,
Na demência, e na razão.
Deus está contido em cada grão.
Em todo sentimento, diga sim ou diga não.
Eis aí então sua razão da própria existência.

O nada que parece inexistir,
E existe na concepção de cada momento.
Entre o conteúdo e o vazio, o falso e o verdadeiro.
O que se foi e o porvir.
Estrangeiro ou brasileiro.
O antes das estrelas, do sol e universo.
Do que se possa mover, imerso ou submerso.
Antes do nada existe Deus,
Até mesmo entre Deus e o nada.

Antes, eu e o futuro

O difícil de crer no meu destino
Foi o não saber.
Porque, no meio da minha existência,
Estava eu, o antes e o futuro a ser.
Eu, surgido de uma eternidade inconsciente,
Trilhando caminhos inconseqüentes,
Viajando na ilusão de meu domínio.
Meu antes, escondido na pseudo-inexistência,
Como se surgíssemos do momento,
Como se o unguento dos meus desígnios,
Estivesse à mercê de meus mandamentos.

Pensava ter sabedoria arbitrária.
Dono de meu mundo e minhas vontades.
Mas vendo-me improficuo e dependente,
Ingênito e ao domínio infinitivo,
Pus-me assim mais reverente,
Metódico, pensante e recursivo.
E se do antes aos instantes atuais,
Minha existência sobrevive aos ancestrais,
É porque muito e certamente
Existe algo inerente,
E infinitamente contumaz.

Em tempo

Em tempo, recordo um caminho,
Que ao longe sumia no horizonte.
Sua areia branca e macia era o peso do sonho.
E as pernas finas sofriam o cansaço.
Mas no altivagar desta esperança,
Tudo era preciso ser vencido a qualquer preço.
E assim remetido além dos montes,
Que o pensar fluía a vida avante,
Era um verdadeiro aventureiro.

E quando o cansaço amortecia o frágil corpo,
Com lábios secos a sorver o próprio sal do rosto,
À sombra do angico recostava-me insone,
Até o refazer da esperança, das forças.
Ousava o coração a me lembrar teu nome
E a ti, por ti refeito,
Invadido em fogo no meu peito,
Retomado em chamas de esperanças,
Nem sol e nem lua viam meu romper...

Às vezes, em passos trôpegos em altas horas,
O riso da coruja a seu destino,
E relampejos tracejando os céus em chamas,
Fios de lágrimas e desejos se afloravam,
A te abraçar deleite em quaisquer camas,
A dor em cor de sangue aos relampejos,
A esperança cega e meus desejos,
Era fortaleza a me ostentar seguindo,
Mesmo que o caminho fosse infindo,
Ou fossem apenas pra dizer te amo...
Adeus.

Soneto do engano

Quando o sol se escondeu em seu poente
E a noite veio calmamente
E o turvo de nuvens d'água despejava-se em cântaros
E o vento a zunir pelos capins em prantos,

Vi teus olhos negros refletirem,
Pela primeira vez as chamas,
Como a dizer com medo o quanto amas,
E não eram quimeras teus olhos a sorrirem.

Na imensidão de teu amor dormente,
As chamas torpes das velas incandescentes
Queriam envolver-me no seu abraço quente.

E assim enfim viver eternamente.
Que efêmero engano este amor da gente
Que um vento lívido nos levara calmamente.

A dor

A dor
chega como se fosse o outono,
um heterônimo.
Como se assim fosse, pródigo.
A dor,
entre tantas formas de horror,
e necessário enfoque trôpego,
de tênue furor.
A dor,
Como forma de justificável amor.
O contraponto do bom que se passou,
que na dor culminou.

A dor,
O yin do yang.
O doce do sangue, o sal do mel.
O cristal do amor e do céu.
A dor,
o ápice do contra-senso,
a calma do tormento,
o lúgubre do fel.
A dor,
a justificativa, a contraceptiva,
a razão do improvável
do seu amargor.

A dor,
o enunciar do bom,
Confúcio cristão.
Sabor do perdão no âmago sóror.
A dor,
o gelo do coquetel.
A flor do anel, a chira,
e o provável calar da ira.
A dor,
algo imutável,
sensível, ligeiro e habitual,
bucólico, insólito e espiritual.

A dor,
Vai como se fosse o outono,
Um mentevismo e ilusionismo.
Um templo que o tempo reafirmou.

A dor,
intrínseco estupor.
Nascente do ego, ego da dor,
em busca do amor e solidão.
A dor,
Comunhão, estresse e paixão,
morte e razão, justeza e final,
final de ambição.

Explicações

De tão pequeninas partículas existe.
De cada nada em tudo parece existir...
Há que comparar-te *sui generis* tão linda,
Tão doce menina de olhos de mel
Da qual se compuseram as estrelas divinas
E toda e imensa retina dos céus!

Buscar-te em todos os instantes,
Parece-me seguro...
Já que antes estivera
Tateante no escuro...
Ah! Como luz,
Descortina o meu ser radiante!
Como alguém que floresce
Em mim todo dia!
Que, por mais que distante te sinto do peito,
Tu me dás como um sonho, estonteante alegria.

Minhas veias tremulam por sentir teu calor,
O meu sangue parece querer...
Transbordar-se de mim.
Para buscar explicações:
Reparo no sol, no mar e no vento
E quanto mais te busco em todas as coisas...
Mais te sinto tão perto de mim,
Assim... Aqui dentro!

Mistério

O amor é algo tão misterioso,
Que seus domínios nos fogem
E a mercê deste sentimento tão abstrato,
Concretamente sonho contigo.

O amor, esta jóia lapidada de mistérios,
Suplanta nossas vontades,
Aguça as vaidades,
Delícia-nos e dilacera.
Se não estou, quero estar,
Se estou quero partir.

O amor, este misterioso espírito,
Porque não o vejo, mas sinto,
Porque me nutre e me transmuta
Só pra te fazer feliz, pra mim...

O amor este algo indefinido,
Extremamente inverossímil
Que chega imperceptível,
Como se escorre nas veias o sangue,
Como paira no ar o aroma do jasmim.
O amor, este incógnito e ilógico ser,
De vida própria e existente,
Que torna o gelo tórrido,
Ebulição que domina a mente.
Dono de mim e de você.
Eternamente, eternamente,
Eternamente...

Assim...

Foi assim:

Como se gotas azuis do mar
Escorressem pelos fios dos seus cabelos...
E, na cadência dos seus passos,
Como se flutuassem e não andassem,
Sua pele suave e seus pés descalços.
Sua tez brasileira inconfundível
Reverenciando a praia branca...
De marfim, indefinível.

E assim...

O aroma do mar suave como brisa
Soprava como carícia,
No balanço de seu caminhar tranqüilo.
E meus olhos embevecidos,
Meus lábios emudecidos,
Secos como sequilhos,
Estático, maravilhado.
Desejei toda sorte do mundo,
Só pra fazê-la feliz...

Meu ouvir seguiu teus passos,
Seu andar sugou meu ver...
O teu cheiro inebriou meus versos,
Sua boca me calou o ser.
E assim ainda lhe espero,
Assim, ainda lhe espero.
Assim...

Inconsciente

Quando a luz de tuas palavras
Tocam meus ouvidos,
Sinto brilhar meu horizonte...
Felicidade e mansidão no meu sentir!

Na angústia de minhas saudades...
Às vezes, parece-me ouvir o teu silêncio,
Como se flutuasse em meus próprios sonhos
Este sentimento tênue e suas propriedades...

Você me inspira algo de misterioso e feliz,
Porque sentir o que é bom, é regozijo...
Melhor que meu desejo, ou do que te almejo,
Prazer inconsciente, brisa na flor-de-lis.

Os autores

MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL

Casada, mãe de uma filha, é natural de Cornélio Procópio, professora do Departamento de Letras da FAFICOP, graduada em Letras Anglo-Portuguesas nesta instituição, especialista em Literatura e Ensino de Literatura pela UNESP – Campus de Assis, e mestranda na área de Literaturas de Língua Portuguesa, também na Universidade Estadual de São Paulo.

JOSÉ DOS REIS SANTOS

Nasceu em 9 de novembro de 1955 na cidade paulista de Ituverava. Autônomo, autodidata, casado, pai de 5 filhos, reside em Cornélio Procópio desde 1990 e sempre atuou no serviço voluntário social, tendo ocupado por várias vezes a presidência da associação de seu bairro. Atualmente, é presidente da União das Associações de Moradores de Cornélio Procópio e membro do Conselho de Crianças e Adolescentes.

UNESPAR – FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE C. PROCÓPIO

PR 160 (Rodovia Arthur Hoffig), Km 0 (Campus Universitário)

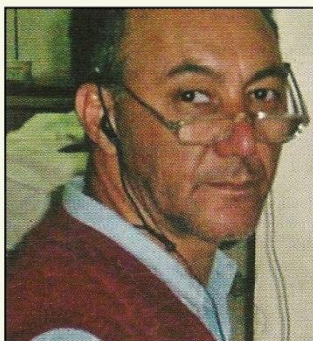
Av. Portugal, 340 (Faficentro)

Cornélio Procópio – Estado do Paraná

MARÇO DE 2005



MARIA APARECIDA DE FÁTIMA MIGUEL



JOSÉ DOS REIS SANTOS